

Resenha

O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital

MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de. (Orgs.).

São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

Elton Bruno Barbosa PINHEIRO¹

Instigados pelo panorama de reinvenções que acompanha a história do rádio brasileiro, Juliano Maurício Carvalho e Antônio Francisco Magnoni organizaram a obra coletiva intitulada *O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital*. Situando o rádio na historiografia brasileira, analisando sua reinvenção e vislumbrando caminhos futuros para esse veículo centenário, os dez artigos de diferentes autores, a introdução dos organizadores e a nota do editor corroboram a noção de que o rádio permanece a ser um elemento de convergência entre as pessoas, um filtro unificador.

A obra é uma espécie de mosaico que aglutina diferentes vozes acadêmicas em forma de saberes produzidos singularmente em diferentes universidades brasileiras. Podemos afirmar que há entre os diversos autores o intuito de construir através de seus textos uma espécie de “miríade teórica” com abordagens de diferentes aspectos da cultura radiofônica. Ou seja, os estudos presentes na obra englobam análises diversas, desde o uso do rádio no início do século XXI, as expectativas e limitações do analógico em oposição ao digital, as mudanças na programação e na linguagem das emissoras digitalizadas, a regulação das rádios digitais, o radiojornalismo digital, os problemas enfrentados pelas rádios comunitárias na pós-modernidade e os novos caminhos da publicidade radiofônica.

Logo na introdução, uma constatação importante é realizada: “a tecnologia tem dado grandes saltos evolutivos e, por vezes, revolutivos, provocando quebras de paradigma capazes de superar visões consolidadas para dar lugar a outras, com características que poderão ser abissalmente distintas” (p.9).

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília – UnB.
E-mail: eltonufpb@hotmail.com.

Outro ponto introdutório relevante é a questão de que o rádio brasileiro vive um momento decisivo em relação à transição da transmissão analógica para a digital. Entre outros aspectos de destaque, apontamos a expectativa de que esse longo tempo para transição contemple o interesse público, além do mercado produtor, distribuidor e programador de conteúdos radiofônicos. Esse último aspecto constitui o principal questionamento dessa introdução à obra: “que alterações significativas os conteúdos escritos e audiovisuais introduzirão na recepção da tradicional comunicação sonora do rádio?” (p.12).

A abordagem sobre a questão do conteúdo radiofônico no suporte digital, ainda que realizada de forma introdutória em *O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital* constitui-se como um diferencial da obra coletiva, isso porque ainda são escassas as referências sobre essa temática, e, de fato, “o impacto da mudança de tecnologia e os efeitos dela no público do veículo trará mudanças significativas na linguagem, nas formas de emissão e recepção e na cadeia produtiva do veículo” (p.12).

O primeiro capítulo do livro tem como título *O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica*. O trabalho de Luiz Artur Ferraretto sublinha as experiências pioneiras do rádio brasileiro focando o caráter idealista, elitista e amador da época. Entre as suas abordagens está o início da transformação do rádio em negócio. O processo de convergência é destacado pelo autor como introdutor contínuo de novos elementos capazes de interferir tanto no mercado quanto na maneira de se gerir e pensar a comunicação. Um ponto que merece ser destacado é a preocupação de Ferraretto com as manifestações comunitárias e locais. Segundo o autor esse tipo de comunicação será beneficiada pelas novas tecnologias e pelo caráter de autonomia dos receptores, que flexibilizam o conteúdo que captam e selecionam. Essa colocação é questionável, se considerarmos a portaria que instituiu o Sistema Brasileiro de Rádio Digital, em março de 2010, onde não se percebe a preocupação com a inclusão do rádio comunitário no sistema de rádio digital, o que aparece é a figura das emissoras de potências menores e a indicação de que elas devem arcar com custos baixos para sua inserção no rádio digital. Um último ponto merece ser sublinhado nesse primeiro artigo: para Ferraretto, na atualidade, a compreensão do que é o rádio, sugere a adoção de um conceito plural, dando conta da diversificação da sua oferta e dos seus usos

(comunitário, locais de curto alcance, *web-rádios*, *podcastings*, serviços de música em portais de internet).

Intitulado *Analógico versus digital: expectativas e limitações*, o segundo capítulo da obra coletiva tem a autoria do engenheiro eletrônico da Fundação Centro de Pesquisas e Desenvolvimento em Telecomunicações - CPqD, Takashi Tome. Tal sessão inicia com um passeio pelos últimos cinquenta anos de história do rádio. Nesse considerável espaço de tempo, é bem certo, fomos inundados por uma profusão de novas tecnologias, como constata o autor, que busca, ao longo do texto, explicar os termos e os conceitos de tais tecnologias, desvendando os diferentes sistemas digitais de radiodifusão terrestre (IBOC, DRM, DAB, ISDB, DMB), ressaltando potencialidades e limitações de cada um. Nesse sentido, Tome enfatiza como o sistema IboC tem atuado como um ofensor ao processo de democratização das comunicações, por não possibilitar abertura de espaço para novas rádios, sejam elas comerciais, comunitárias, educativas ou experimentais.

Tome assinala com muita propriedade a questão das possibilidades da multiprogramação, além de constatar os novos horizontes proporcionados pela plataforma digital ao rádio, como agregação de informações complementares (textos, fotos, gráficos, etc.), ressalta, porém, a necessidade de um debate mais específico. Ao mesmo tempo, em alguns exercícios de prospecção, o autor desenha cenários para a futura utilização e a concepção do rádio, projetando positivamente sua integração com outras mídias e o desenvolvimento de alguns dispositivos que poderão otimizar o veículo. Por fim, é relevante a verificação de que há um fenômeno chamado “intertravamento” relacionado diretamente aos chamados “excluídos midiáticos”. A questão da produção de conteúdos é colocada, nesse sentido, como a principal alternativa para superar tais “fenômenos”.

As *Promessas de mudanças na programação e na linguagem das emissoras digitalizadas* são focos do terceiro capítulo, escrito pela jornalista, produtora radiofônica e professora Dra. Nélia Rodrigues Del Bianco, da Unb. Entre outros debates, a autora enfatiza, sob o prisma do aspecto cultural, implícito na natureza da tecnologia, a necessidade de reinvenção do rádio a partir de mudanças na linguagem radiofônica, no formato de programação e na construção de novas formas de interação com a audiência. Nesse texto, destacamos o olhar crítico e atual sob o a questão do

determinismo, onde é clara a visão de que “cada inovação programa, sem dúvida, certos usos, mas estes por sua vez desviam, modificam ou adaptam as ferramentas tecnológicas aos mundos próprios dos utilizadores” (p.93). Temos ainda, muito bem assinalado no decorrer do estudo, reflexões analíticas sobre os impactos e perspectivas provocados pela realidade do som digital, do receptor inteligente, da multiprogramação e do horizonte de convergência, o qual deve ser marcado por uma tendência de hipersegmentação e hiperespecialização do conteúdo radiofônico.

Em *Projeções sobre o rádio digital brasileiro*, o jornalista e professor Antônio Francisco Magnoni, da Faac/Unesp, sintetiza o atual panorama da mídia rádio no Brasil analisando as possibilidades advindas do novo sistema para a cadeia. Além disso, há uma reflexão sobre nós de produção, programação, distribuição e consumo de conteúdos. Nesse sentido, o autor assinala uma reconfiguração na prática do envio do sinal e dos dados, “que não serão mais transmitidos como fluxos, mas como pacotes de conteúdo” (p.15). É importante salientar que Magnoni insere em sua discussão analítica o fato de que, além das inovações técnicas e cognitivas, a chegada do rádio digital no Brasil proporcionará mudanças consideráveis no campo da produção e veiculação dos conteúdos, favorecendo o aparecimento de novos atores no cenário mercadológico do rádio.

O artigo *Regulação do rádio digital: princípios e desafios*, de autoria de Juliano Maurício de Carvalho, da Unesp, e Octavio Penna, doutor em administração, parte da constatação de que “o rádio digital tem potencial para dar ao meio competitividade em relação às outras mídias com qualidade digital” (p.152). Contudo, o autor deixa claro que nesse momento de transição tecnológica os rumos da regulação são fundamentais para quem faz e quem ouve rádio. Sendo assim, a partir de diretrizes estabelecidas numa carta elaborada pelo Núcleo de Pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, enumeram-se no texto possibilidades para que se garanta o caráter democrático tanto na migração digital, quanto na sua regulação.

Para além dos clichês: o Brasil e o contexto internacional da radiodifusão digital, artigo de autoria de Sonia Virginia Moreira, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ressalta o mundo das telecomunicações como ponto de partida para análise do atual cenário da radiodifusão brasileira. Consideramos que a relevância do artigo está na amplitude de suas abordagens, que se dedicam a entender

desde as mudanças na arena da política de comunicação global, entre elas o crescimento significativo nos acesso à internet em domicílios e a questão do controle público, com destaque para os exemplos da conjuntura no Canadá, da Europa e da Ásia. A digitalização do rádio é outra temática abordada por Moreira com a devida atenção para a questão do diferencial que deverá estar presente tanto na técnica quanto no processo, mas a autora questiona os impasses para a efetivação desse sistema, sobretudo a limitada (ou inexistente) atuação de um sistema de comunicação pública e democrática no Brasil.

O professor Eduardo Medistch, da Universidade Federal de Santa Catarina, em seu texto, *A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia*, empreende um instigante debate sobre o presente e o futuro do rádio e do radiojornalismo. Destacamos o posicionamento do autor ao considerar que estamos imersos em “novos tempos” porém, muita vezes, imbuídos de “velhas ideias e conceitos”. Ele frisa com propriedade a necessidade de se “pensar o rádio como uma instituição social” (p. 204). Questiona e pondera seguinte questão: “no contexto social, outra radiodifusão é possível?” (p. 209), nos explica o fenômeno da weberemergência e suas possíveis implicações para o futuro do rádio digital, o qual, segundo Meditsch, anda na contramão de tal fenômeno. Suas reflexões estão em diálogo com outros teóricos de produção relevante, como Lévy, McLuhan, Fidler, Kelly, Wolton, Freire etc. Inquieta-nos ao afirmar que a segmentação pode levar à exclusão, mas isso é um alerta para que ela possa vir a ser mais utilizada como instrumento de democratização e exercício da cidadania e não apenas levada em consideração na lógica publicitária. Por fim, ao abordar as novas funções do radiojornalismo, Meditsch nos apresenta a visão sobre um possível viés pós-mídia e nos explica que “a informação sonora do futuro será mais provavelmente um produto da criatividade coletiva que emerge da web” (p. 236).

Adilson Vaz Cabral Filho, da UFF, e Eula Dantas Taveira Cabral, do Centro Universitário da Cidade (RJ), discutem *A digitalização como repressão tecnológica: o impasse das rádio comunitárias*. Trata-se de um convite à reflexão crítica sobre o necessário estímulo que o poder público e a iniciativa privada deveriam dar a essa atividade. Destaque-se a crítica à complexa legislação criada para regularizar o setor. O texto se torna um diferencial nos estudo dessa temática, pois aborda também os “usos e maus usos” da radiofusão comunitária, sem deixar de lado o registro das “implicações

da repressão policial” para com as comunidades. Importantes questões empreendidas pelo estudo: a sustentabilidade das emissoras comunitárias durante a possível transição para o sistema digital e mais: a ampliação dial garantirá espaços para mais ações comunitárias?

Em *Impactos da digitalização na propaganda radiofônica*, Clóvis Reis Junior, da Universidade Regional de Blumenau, ensina sistematicamente que uma das relevantes causas da mudança da comunicação de *marketing* é o avanço tecnológico. No percurso trilhado em seu estudo, o autor nos apresenta a notável reconfiguração (queda) da participação do rádio no bolo publicitário e nos incita a pensar nessa esfera muitas vezes esquecida quando o assunto é a digitalização do rádio: a sua ação como mídia publicitária, o que deverá implicar “a criação de novos relacionamentos comerciais, a oferta de serviços de valor agregado e o comércio eletrônico” (p. 270). Ao propor mudanças na linguagem e no formato dos anúncios, Reis destaca a possibilidade do rádio, ao incorporar textos escritos e imagens em seus conteúdos e se apropriar das tecnologias de interação diversas, voltar a ocupar um importante lugar como mídia publicitária. Essas ponderações, apesar de plausíveis, dissolvem-se na falta de exemplos concretos, mas, sem dúvidas, são estímulos a realização dessas novas práticas.

Encerrando a obra coletiva publicada pela editora SENAC, Antônio Francisco Magnoni e Ana Carolina Almeida, ambos da Faac/Unesp de Bauru/SP, em *Rádio e internet: recursos proporcionados pela web ao radiojornalismo*, verificam “as reais influências da internet no rádio” e como a *web* “pode interferir nos formatos e nas linguagens tradicionais dos diferentes conteúdos radiofônicos veiculados pelas emissoras brasileiras” (p. 273). Para tanto, basearam-se nos estudos de Marcos Palacio, nos quais ele apresenta as seguintes características da *web*: a multimídia ou convergência, a hipertextualidade; a customização ou personalização do conteúdo; a capacidade de armazenamento ou de memória; e a interatividade. Em suas conclusões, uma constatação esperada: algumas emissoras estudadas demonstraram que sua presença na internet como “rádios virtuais” ainda são experiências típicas de sites. Apesar de constatarem tal realidade, os autores, ao longo do texto, indicam a “função contributiva da internet para as emissoras tradicionais”, mas, ao final do texto, ponderam que “ouvir rádio na *web* é ainda mais cativante”.

Em nossa consideração, a obra coletiva “*O novo rádio, cenários da radiodifusão na era digital*” apresenta-se como uma referência relevante para os estudos contemporâneos de rádio, sobretudo no Brasil. O livro traz discussões atuais e nos instiga, sobretudo, a pensar nos atuais debates sobre a implantação do Sistema Brasileiro de Rádio Digital (SBRD), há anos em pauta, instituído oficialmente há cinco anos pela Portaria nº 290, de 30 de março de 2010, assinada pelo então Ministro das Comunicações, Hélio Costa, ainda nos Governo Lula, mas procrastinada por aspectos diversos, sobretudo os proselitismos políticos.

Contudo, a reflexão científica e o debate acadêmico instaurados através das pesquisas desenvolvidas em diferentes Universidades do Brasil, a exemplo das constantes nessa coletânea em análise, seguem sendo um palco relevante dentro desse cenário. Tais estudos, com suas conjecturas e refutações, não podem sair do ar, pelo contrário, devem ser ampliadas com o diálogo cada vez mais franco e intenso entre Academia, Poder público e Mercado, com o intuito de manter vivo e atuante o rádio que há quase um século resiste a todas as ameaças, sempre vislumbrando caminhos promissores.